ROBERTO RODRIGUES

Sanduíche sem recheio

Temos repetido que o casamento da globalidade econômica com o liberalismo comercial – ocorrido no dia em que caiu o Muro de Berlim – gerou duas filhas gêmeas, a concentração empresarial e a exclusão social, que juntas cavalgam pelo planeta afora, destruindo patrimônios tradicionais e criando do dia para a noite gigantescas fortunas, assustando e alegrando, mas sempre ameaçando, até mesmos regimes políticos, a democracia e a paz.



Uma das conseqüências desse processo no Brasil – onde a abertura foi feita sem qualquer tipo de proteção – é a desnacionalização de empresas de diversos setores, inclusive no agribusiness. Por causa disso ouve-se com freqüência uma inquietante pergunta: até quando o capital estrangeiro afetará nosso setor rural?

Talvez não seja essa a questão central, mas sim a seguinte: em que extensão a concentração antes e depois da porteira da fazenda gerará exclusão social dentro da fazenda brasileira?

As fusões ou incorporações de empresas na área de insumos impressionam. É cada vez menor o número e maior o tamanho dos produtores de defensivos, sementes e fertilizantes. No setor de máquinas agrícolas, especula-se que em poucos anos não existirão mais do que cinco fabricantes mundiais.

Na outra ponta, a da indústria da transformação e de alimentos, a realidade é semelhante, sem falar no setor de serviços: quantos bancos trabalham com crédito rural no Brasil hoje?

O problema é que a competição entre essas empresas é acirrada, levando-as a diminuírem suas margens e a apertar o cliente, o agricultor, que vê sua renda cair a cada ano, até porque o padrão tecnológico mundial cresce, aumentando a oferta do produto agrícola.

Daí a necessidade de organização do setor, para melhorar seu poder de barganha antes e depois da porteira.

Usemos uma imagem para exemplificar este fato: suponhamos que o agronegócio seja um sanduíche. Uma das fatias do pão é representada pelo setor de insumos e a outra pela indústria de transformação. O recheio é a agricultura, cada vez mais espremida pelas fatias do pão, estas também esmagadas pela necessidade de competir.

O recheio está secando o seu molho – a renda. Só o fortalecimento desse recheio, através da organização, lhe permitirá resistir à pressão dos pães. E só o conceito de cadeia produtiva permitirá, no conjunto, a sobrevivência do sanduíche; caso contrário ele será jogado no liqüidificador da exclusão. Que, no campo, significa perda total e miséria.

Sem renda no campo, adeus sanduíche

Recente pesquisa buscando definir o perfil do agricultor brasileiro, realizada pelo Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia da FGV, com apoio de Embrapa, Senar, Finep, Ipea e Denacoop e publicada pela CNA, mostra dados curiosos. Foram analisados 1.837 estabelecimentos rurais de oito sub-regiões, com ênfase para Sul, Sudeste e Centro-Oeste, mas enfocando também os estados de Pernambuco e Ceará.

Verificou o estudo que, entre as famílias estudadas, 82% possuem fontes de renda gerada fora da fazenda, das quais 41% de aposentadoria e 26% de trabalho externo.

O número impressiona, apesar de apenas 11% da renda total vir de outras fontes e 89% da atividade rural. Mas ficou claro que nas regiões mais pobres e nas menores propriedades as outras rendas são mais importantes, principalmente a aposentadoria. Ora, isso indica que o Brasil já entrou na era em que a atividade no campo será de tempo parcial, como já acontece também nos países desenvolvidos.

Outro dado ligado a esse e surpreendente mostra que a idade média do agricultor amostrado na pesquisa já é de 52 anos, próxima à dos países ricos. É bem verdade que isso não pode ser extrapolado para o país todo, principalmente na fronteira agrícola para onde tem afluído uma crescente parcela de jovens, mas não deixa de evidenciar a tendência de migração para as cidades das novas gerações nascidas no campo.

É preciso cruzar esses dados. Migração, exclusão social e renda estão interligados. Por sua vez, concentração mexe com a renda.

E o resultado desse cruzamento é também uma repetição que já está ficando cansativa, porque não sai das intenções: sem organização, o recheio secará.

Roberto Rodrigues é engenheiro agrônomo e agricultor, presidente da ACI e da Abag e professor de economia rural da Unesp.